

## **BREVE ANÁLISE DA JAGUAFRANGOS NO MUNICÍPIO DE JAGUAPITÃ NO NORTE DO ESTADO DO PARANÁ.<sup>1</sup>**

**Carlos Cassemiro Casaril – Universidade Estadual de Londrina – UEL**  
carloscasaril@yahoo.com.br<sup>2</sup>

**Léia Aparecida Veiga Pinto – UEL**  
lvpgeo@yahoo.com.br<sup>2</sup>

**Ruth Y. Tsukamoto – UEL<sup>3</sup>**

### **Agroindústria Jaguafrangos em Jaguapitã.**

O objetivo principal deste artigo foi analisar as relações de trabalho estabelecidas pela agroindústria Jaguafrangos com seus integrados sob a ótica da renda da terra. Para tanto, foram feitas consultas bibliográficas em textos que tratam da relação indústria–campo diante do desenvolvimento do sistema capitalista de produção no território brasileiro, tais como: OLIVEIRA (1981), SORJ (1982) e TSUKAMOTO (2000). Realizou-se também levantamento empírico através de visitas e de entrevistas na empresa e em propriedades rurais de pequenos produtores de frangos que são integrados a Jaguafrangos.

A empresa Jaguafrangos originou-se em 1992 no município de Jaguapitã – PR, acerca de 50 km de Londrina tendo como proprietários a família Botazzari, que antes de 1990 residiam no município de Guaraci – PR e atuavam como intermediários, comprando frangos dos produtores e revendendo para agroindústrias.

O capital investido na implantação dessa unidade em Jaguapitã foi oriundo de recursos familiares, de financiamentos e de apoio da prefeitura local (terreno, isenção fiscal).

A produção de aves/dia em 1995 era de 17.000, expandindo a sua comercialização até a região de Curitiba. Visando aumentar a produção, em 1997, os proprietários ampliaram as instalações produtivas, passando a produzir 22.000 aves/dia. Ainda nessa década, mais precisamente em 1999, almejando expandir sua comercialização em nível nacional a empresa passou a investir na mecanização e modernização do seu setor produtivo. A partir dessa inovação, os produtos passaram a ser comercializados na região Nordeste, com destaque para produtos temperados e embutidos.

O marco do programa de exportação foi setembro de 2003, saindo o primeiro carregamento para Hong Kong e conquistando outros mercados consumidores como Japão, Rússia e Senegal. Em função das exigências do mercado externo houve um investimento maior em equipamentos sofisticados e na especialização de mão-de-obra, visando um controle maior da qualidade. Nesse ano de 2005, em função dessa expansão da comercialização em nível nacional e, principalmente no mercado externo a produção da empresa é de 75.000 aves/dia.

### **O sistema integrado do processo produtivo.**

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado na disciplina “A Questão Agrária no Brasil”, ministrada pela Prof. Dr. Ruth Y. Tsukamoto, do Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento da UEL – PR.

<sup>2</sup> Mestrando em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento da UEL – PR.

<sup>3</sup> Prof<sup>a</sup>. do Departamento de Geociências da UEL – PR.

Assim como fez a Sadia e na seqüência outras agroindústrias de aves, a Jaguafrangos adotou o sistema de integração, em que a empresa integradora mediante contrato garante a *“exclusividade na aquisição dos insumos por parte do produtor rural, ao padrão tecnológico e manejo a ser posto em prática sob orientação e assistência técnica da empresa e a exclusividade e garantia da produção agropecuária por parte da empresa integradora”* (SORJ, p. 41). Nesse sistema ao pequeno produtor integrado além da propriedade cabe o fornecimento da mão-de-obra e a disponibilização do capital para construção e manutenção dos aviários.

No caso da Jaguafrangos os produtores integrados são pequenos proprietários rurais com experiência na agricultura ou com gado leiteiro de médio porte, que passaram a se dedicar também à avicultura, todos mantendo relação familiar nos aviários. Esses integrados estão concentrados em 11 (onze) municípios próximos a Jaguapitã, num raio de 30 Km da empresa. (Mapa 1)

A quantidade de integrados por município varia muito, em função de fatores locais. Por exemplo, em Guaraci encontra-se o maior número de integrados (43) devido à estrutura fundiária (maior número de pequenos estabelecimentos), em Jaguapitã há (37) integrados pelo fato de existir no município outro abatedouro de frangos, a Avebom.

Esses integrados não foram escolhidos aleatoriamente, a empresa adotou alguns critérios para seleção onde além de serem donos da terra os mesmos tinham que ter: 1- interesse pela atividade, 2- disponibilidade financeira e 3- localização da propriedade num raio de 30 Km.

Sobre o primeiro critério, principalmente em relação aos pequenos proprietários, cabe ressaltar que no município de Jaguapitã assim como em outros da região esse interesse de trabalhar na avicultura não foi totalmente espontâneo, ao passo que no início da década de 1990 os pequenos proprietários estavam desmotivados com a produção de leite que era comercializado a R\$: 0,13 o Litro e na agricultura o preço dos produtos agrícolas não eram compensatórios (algo semelhante ao que os agricultores enfrentam hoje). Nesse contexto de baixa do preço do leite e dos produtos agrícolas a Jaguafrangos se insere ofertando R\$: 0,17 por frango, criando então um “clima” favorável a integração e ao trabalho com os aviários. Diante dessa realidade pode-se dizer que a existência da avicultura integrada depende de *“uma massa de produtores rurais em condições sociais inferiores e aos quais o conjunto das condições sociais não oferece alternativa melhor que a produção integrada”* (SORJ, 1982, p.67).

No que diz respeito à disponibilidade financeira destaca-se o papel do Estado, via financiamentos com juros baixos (PRONAF) ao pequeno produtor, viabilizando capital necessário para a construção do aviário e a obtenção dos equipamentos mínimos necessários para aqueles que não possuíam recursos próprios. Também deve ser pontuado o papel da EMATER que nos primeiros anos desenvolveu um trabalho junto a pequenos produtores, no sentido de esclarecer dúvidas e mostrar os pontos “positivos” da integração com a Jaguafrangos.

---

MAPA - REGIÃO NORTE CENTRAL DO ESTADO DO PARANÁ  
LOCALIZAÇÃO DOS PRODUTORES INTEGRADOS À JAGUAFRANGOS



Mapa 1 - Localização dos produtores integrados a Jaguafrangos.

Feita a seleção dos proprietários que se integrarão a agroindústria, o próximo passo é definir o papel de cada um (integrado e empresa) mediante um contrato escrito. No contrato de parceria avícola da Jaguafrangos (2001) a empresa é denominada de Parceira Proprietária e o produtor rural de Parceiro

Criador. Ambas as partes tem papel definido, sendo a Parceira Proprietária (empresa) responsável pelas seguintes tarefas:

1. Fornecimento de pintos de um dia;
2. Fornecimento de Ração;
3. Fornecimento de assistência técnica semanal e medicamentos/vacinas.

Já ao Parceiro Criador (proprietário rural) mediante o 'acordo' com a empresa cabe a execução das seguintes tarefas:

1. Proceder com os cuidados necessários e indispensáveis para a criação e terminação das aves.
2. Realizar o serviço de manuseio das aves;
3. Cumprir as normas técnicas;
4. Cumprir as normas de biossegurança;
5. Como agir em caso de mortalidade de aves: quando ocorrer mortalidade acima de 0,2% o parceiro criador deve comunicar a parceira proprietária em no máximo 24:00 horas, para que possam ser tomadas as providencias cabíveis.
6. Providenciar o aquecimento e a cama do aviário;

Ainda em relação ao contrato outro ponto previamente descrito diz respeito ao preço que será pago ao produtor rural por cada ave. O preço no final de cada safra será calculado a partir da seguinte fórmula a qual define a eficiência de produção.

$$\frac{\text{Viabilidade (\%)} \times \text{peso médio (Kg)} \times 100}{\text{Conversão alimentar} \times \text{dias de criação}}$$

1. Viabilidade: é o número decorrente da divisão do número de aves terminadas e entregues pelo número de aves alojadas nas instalações do parceiro criador, que multiplicado por 100 expressa o percentual de viabilidade, ou seja, o percentual de sobrevivência do referido lote.

2. Peso médio: é o número expresso em quilogramas que representa o peso de cada ave ao final do lote, peso este obtido pela divisão do peso bruto total, ao final do processo de engorda, pela quantidade de aves terminadas e entregues.

3. Conversão alimentar: é o número expresso em quilogramas que representa a quantidade de ração que foi necessária para a produção de cada quilo do peso total das aves, este número é obtido pela divisão do peso total de ração consumida pelo lote pelo peso total (somatória do peso de todas as aves terminadas e entregues) deste referido lote. Tendo como fator máximo de conversão alimentar admitido tecnicamente de 2,0 quilos por Kg de aves terminadas.

4. Dias de criação: é o número obtido pela somatória de dias de criação a contar da data do alojamento das aves até o dia da retirada total para o abate deste mesmo lote.

É importante ressaltar que diante da fórmula exposta acima, o produtor rural não consegue argumentar no momento da venda, acaba aceitando a classificação dada e conseqüentemente o preço pago por cada ave pela agroindústria. É o momento que a empresa obtém seu lucro, pois há

um mecanismo velado na fórmula imposta pela agroindústria ao qual o produtor não consegue apreender devido a falta de capacitação técnica e científica.

A análise das funções desempenhadas pela empresa e pelo produtor rural no cotidiano da integração deixa claro o padrão imposto pela agroindústria, o:

“processo produtivo passa a estar determinado pelas prescrições ‘externas’ das empresas industriais que estruturam o ritmo e as tarefas da atividade produtiva. Como alimentar, a preparação da alimentação, quando consumir e como distribuir, o tratamento do frango, o que fazer em casos de doenças, etc. são determinados pelos técnicos das empresas integradoras. [...] mas os porquês das prescrições técnicas permanecem desconhecidos para o trabalhador rural, que, no fundamental, segue as indicações dos técnicos, sob pena de produzir resultados econômicos insatisfatórios. [...] Não somente o conhecimento é subtraído do produtor, como seu ritmo de trabalho passa a ser determinado pelas prescrições técnicas da “agroindústria.”(SORJ, 1982, p. 62)

Essa supervisão constante das ações no momento da criação dos frangos nos aviários ocorre em função das exigências principalmente do mercado externo, que sempre foi mais exigente quanto à qualidade do produto. E foi em função dessa exigência do mercado externo, paralelo a esse monitoramento dos integrados, que a empresa resolveu investir no segundo semestre de 2004 na construção de aviários próprios numa de suas propriedades (fato que será discutido mais adiante).

#### **Os integrados e o trabalho nos aviários.**

Com o intuito de conhecer a realidade dos pequenos proprietários que se tornaram integrados da Jaguafrangos foram feitas visitas em algumas propriedades no município de Jaguapitã. Dentre os entrevistados foram destacados dois que aqui serão chamados de integrado **A**<sup>4</sup> e integrado **B**<sup>5</sup>. O integrado **A** tem apenas 4,84 ha de terras e antes da integração (1994) era trabalhador volante, já o integrado **B** é proprietário com quatro irmãos de 26,62 ha, que desanimado com o trabalho agrícola devido sucessivos prejuízos convenceu seus irmãos a arrendarem as terras para o plantio de soja/milho e passou a trabalhar com aviários desde 1997.

Durante as visitas nas propriedades desses integrados foi feito um levantamento das atividades realizadas nos aviários e da tecnologia utilizada nos mesmos. Em relação ao trabalho familiar nos aviários, partindo das informações coletadas junto aos integrados, foi montado um cronograma das tarefas nos aviários por safra, que facilita o entendimento do serviço que é realizado semanalmente nos mesmos (Quadro 01).

A partir do cronograma de tarefas percebe-se que o trabalho nos aviários dos integrados da Jaguafrangos segue o mesmo ritmo e cumprem as mesmas prescrições técnicas. É uma rotina de muito serviço, pois *“o delicado material genético com que trabalha, além da racionalização no uso dos insumos (quantidade certa distribuída em períodos prefixados), determinam que o ritmo do trabalho e sua distribuição estejam em grande parte fora do controle do produtor”* (SORJ, 1982, p.62).

Dentre as atividades realizadas nas duas semanas da limpeza do aviário o que gera mais desgaste para o integrado é a retirada da palha e a limpeza do chão. A palha chamada por eles de cama de frango é embalada em sacos para ser vendida a criadores de gado ou para agricultores que usam

<sup>4</sup> O integrado **A** tem três aviários de 120 x 10m (1.200 m<sup>2</sup>) com 16.000 aves cada.

como adubo nas plantações. Segundo os entrevistados o dinheiro obtido é revertido para a compra apenas da palha da próxima safra, mas até 2003 dava para pagar a palha nova e a energia gasta no aviário. Essa desvalorização ocorreu em função de ter aumentado a oferta do produto no município. A limpeza do chão também gera desgaste ao passo que a empresa exige que seja lavado com água. Para quem tem várias granjas como é o caso do integrado **A** a saída é pagar um diarista para ajudar na limpeza, já o integrado **B** por ser apenas um aviário a esposa e a irmã (que moram com ele) ajudam na limpeza.

Sobre essas atividades realizadas durante uma safra é interessante colocar que até mesmo em relação às aves mortas retiradas dos aviários, os integrados seguem as mesmas orientações técnicas, eles devem colocar os frangos mortos na casa de compostagem borrifando formol e jogando cama de frango em cima dos mesmos, para mais tarde esse material ser utilizado como adubo.

Ainda em relação ao trabalho outro fato interessante diz respeito ao dia de entrega da safra para a empresa, todo o “apanhe” é feito por funcionários da Jaguafrangos designados para essa função, cabe ao integrado apenas estar presente nesse dia. Assim, não é necessário trocar serviço com outros integrados e nem pagar pessoas para esse serviço. Essas são formas da empresa garantir mais qualidade do produto, evitando possíveis focos de doenças (nos casos dos frangos mortos) e lesões nas aves, já que os frangos são frágeis.

Em relação à tecnologia utilizada nos aviários o pequeno produtor em função da situação financeira só tem condições de utilizar a mínima exigida pela empresa como o forro<sup>5</sup>, o sistema de aquecimento a lenha que controla a temperatura automaticamente, 450 comedouros, 250 bebedouros, 16 ventiladores, 1 imunizador (para borrifar água em dias quentes), isso num aviário de 1.200 m<sup>2</sup> com 16.000 pintos. Segundo dados fornecidos pela empresa a mesma possui atualmente 150 integrados, sendo que desses, apenas 50 integrados tem acesso ao uso de equipamentos modernos. É importante ressaltar que, essa parcela de produtores que optou por estes aviários possui um nível socioeconômico superior a média dos demais integrados da Jaguafrangos.

A partir do que foi exposto percebe-se que a jornada de trabalho dos integrados é intensa, principalmente porque os mesmos além dos aviários possuem atividades econômicas paralelas como a agricultura ou a criação de gado ou ambas, como é o caso do integrado **A** que além dos três aviários tem cerca de 7.000 pés café adensado e um pequeno plantel de gado leiteiro. Todavia, para realizar todo o serviço às tarefas são divididas entre os membros da família.

Mas apesar de tudo os integrados estão de certa forma satisfeitos com a situação financeira, dizem ter melhorado após a integração. Essa satisfação decorre do fato da avicultura ter se tornado, diante da baixa renda obtida com a lavoura e com o gado leiteiro, uma forma de diversificar as atividades do estabelecimento e ter uma renda a cada 50 dias.

---

<sup>5</sup> O integrado **B** tem apenas um aviário (1.200 m<sup>2</sup>) com 16.000 aves.

<sup>6</sup> No aviário esse forro abaixo do telhado é feito com uma lona amarela, que contribui para a manutenção da temperatura ideal.

**Quadro 01: Cronograma das tarefas no aviário por safra de frangos (42 dias ou 6 semanas) + 2 semanas para limpeza:**

1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana	5ª semana	6ª semana	Limpeza do aviário	Limpeza do aviário
* Por a ração de manhã (ração pré)	* Por a ração de manhã (ração F1)	* Por a ração de manhã (ração F1)	* Por a ração de manhã (ração F2)	* Por a ração de manhã (ração F2)	* Por a ração de manhã (ração F3)	*Ensacar a cama de frango	* Forrar o aviário com a palha nova.
*Lavar o bebedouro infantil três vezes ao dia.	* Lavar o bebedouro todas as manhãs.	* Lavar o bebedouro todas as manhãs.	* Lavar o bebedouro todas as manhãs.	* Lavar o bebedouro todas as manhãs.	* Lavar o bebedouro todas as manhãs.	*Lavar todo o aviário	* Borrifar formol e pulverizar com cobre.
* Controlar a cortina (de acordo com a temperatura)	* Controlar a cortina (de acordo com a temperatura)	* Controlar a cortina (de acordo com a temperatura)	* Controlar a cortina (de acordo com a temperatura)	* Controlar a cortina (de acordo com a temperatura)	* Controlar a cortina (de acordo com a temperatura)	*Lavar os bebedouros e os comedouros.	* Verificar se a ração e a água estão organizadas.
		* Mexer a cama de frango (a frequência varia de acordo com a umidade)	* Mexer a cama de frango (a frequência varia de acordo com a umidade)	* Mexer a cama de frango (a frequência varia de acordo com a umidade)	* Mexer a cama de frango (a frequência varia de acordo com a umidade)	*Passar a cal no chão.	* Proceder com a limpeza em volta do aviário (capinagem e retirada de entulhos e sujeiras).
* Retirar as aves mortas. *Vacinar os pintos.	* Retirar as aves mortas.	* Retirar as aves mortas. *Vacinar os franguinhos.	*Retirar as aves mortas.	* Retirar as aves mortas.	* Retirar as aves mortas.		
* Além do trabalho diário, é necessário levantar no mínimo quatro vezes por noite, para verificar a temperatura que deve estar em torno de 32°.	* Além do trabalho diário, é necessário levantar no mínimo quatro vezes por noite, para verificar a temperatura que deve estar em torno de 29°.	* O trabalho é mais durante o dia, no período noturno torna-se esporádico. A temperatura deve estar em torno de 26°.	* O trabalho é mais durante o dia, no período noturno torna-se esporádico. A temperatura deve estar em torno de 23°.	* O trabalho é mais durante o dia, no período noturno torna-se esporádico. A temperatura deve estar em torno de 20°.	* O trabalho é mais durante o dia, no período noturno torna-se esporádico. A temperatura deve estar em torno de 20°.		
					* Estar presente no "apanhe" dos frangos no final da safra.		

**Fonte:** Informações obtidas junto a integrados da Jaguafrangos no município de Jaguapitã (junho e julho de 2005).

Segundo Sorj (1982) essa satisfação é ilusória e decorre do fato dos integrados não incluírem em seus cálculos a mão-de-obra utilizada e os custos da produção em função do preço recebido. Por isso, concebem o valor recebido ao final de cada safra como “lucro líquido” e acreditam ser uma atividade rentável. Como no caso do integrado **B**, que fala com empolgação dos R\$ 3.000,00 reais que recebe no final de cada safra de frangos, principalmente agora que terminou de pagar o financiamento do PRONAF. Mesmo quando questionado o integrado **B** sobre o custo da ração ao final de cada safra, o mesmo relatou: *“a maioria dos integrados não tem condições de produzir a ração, porque sairia mais caro que comprar pronta da empresa”*.

Em apenas um momento ele demonstrou insatisfação com a atividade foi quando fez a comparação da evolução do preço do leite e de cada ave no decorrer da década de 1990, onde o preço do litro de leite passou de R\$: 0.13 para R\$: 0.55 centavos, já o frango de R\$: 0.17, teve seu preço reajustado para R\$: 0.26 centavos. Mesmo assim, pretende continuar com a atividade, pois a mesma somada ao dinheiro obtido com o arrendamento dá para manter a família e a propriedade. Diante do relato desse integrado fica claro que *“o capital tem somente o interesse de se apropriar da renda do produtor por meio da subordinação do produtor no momento da circulação oferecendo-lhe preços aviltantes”* (TSUKAMOTO, 2000, 136).

### **O capital industrial: processo de monopolização do território e territorialização do capital.**

O capital industrial aqui representado sob a forma de agroindústria de frangos é um exemplo de como o sistema capitalista no seu desenvolvimento pelo território brasileiro consegue engendrar formas não capitalistas de produção e moldá-las de maneira a conseguir obter lucro, isso sem haver a expropriação da terra. Por isso Oliveira (1981, p. 5) concebe esse sistema *“como um processo contraditório de reprodução capitalista ampliada do capital”*.

Tal perspectiva de análise deixa transparecer que o capital industrial diferentemente de sua atuação em outros momentos, passa a ver na preservação da propriedade familiar uma forma de evitar a mobilização de capital para a compra de terras. Isso porque a permanência do pequeno produtor no campo é mais vantajoso para o capitalista, que encontra na sujeição da renda da terra uma maneira vantajosa de auferir lucros. Segundo Martins apud Oliveira (1981, p.8) uma das formas de sujeição da renda da terra ao capital seria a subordinação da produção do tipo camponês. Fato constatado na atuação das agroindústrias de frangos, em específico da empresa Jaguafrangos, que através do sistema de integração (analisado nos subtítulos anteriores) subordina a produção à circulação e nesse processo de subordinação da mão-de-obra familiar vai monopolizando o território (OLIVEIRA, 1981).

Nessa ação das agroindústrias, inclui-se aqui a Jaguafrangos, ao sujeitar a renda da terra ao capital, faz com que o pequeno produtor dono da terra não receba a renda, que passa a ser absorvida por outros segmentos, a partir do momento que ocorre: 1- a intensificação das relações comerciais (onde os representantes do capital comercial absorvem a renda diferencial da terra), 2- ação do Estado (através do crédito bancário via juros que drena parte da renda da terra), 3- ação do capital comercial (que fica com a maior parte da renda da terra e de parte do lucro médio) (OLIVEIRA, 1981). O que os



pequenos produtores recebem no final de cada safra de frango é o dinheiro oriundo de seu trabalho na atividade integrada.

Mas nesse contexto de agroindústria, a Jaguafrangos vem apresentando além da parceria com integrados e da monopolização do território, a partir do segundo semestre de 2004 uma tendência a territorialização do capital, ao construir numa de suas propriedades 15 (quinze) aviários próprios da empresa que comportam cerca de 30.000 aves. Portanto, a empresa passa a extrair renda da terra quer pela subordinação do trabalho familiar nas pequenas propriedades, quer pela unificação das personagens (capitalista e proprietário) nas grandes propriedades (OLIVEIRA, 1981, p.9).

Esses aviários próprios são todos automatizados e climatizados, segundo a empresa, foram construídos e equipados com um alto nível de tecnologia superior aos demais integrados, demandando pouca mão-de-obra. Eles têm três famílias que moram na propriedade e cuidam dos aviários.

Segundo a empresa, trabalhar com os dois sistemas (integrados e aviários próprios) tem vantagens e desvantagens. Em relação aos integrados a vantagem seria a participação do produtor e o menor custo de investimentos nos aviários por parte da empresa, sendo que a desvantagem estaria no “limite” de controle da produção (ações) e na qualidade de produção que é inferior devido ao uso mínimo de tecnologia. Já em relação aos aviários próprios a vantagem estaria na qualidade de produção em função do alto grau de tecnologia empregada nos galpões e o controle total da produção. E a desvantagem seria a mobilização de capitais para a construção dos aviários e investimentos em equipamentos modernos.

Tem-se observado em conversas informais com funcionários que a empresa está investindo na construção de mais aviários em outras propriedades da mesma. A tendência da Jaguafrangos é manter o sistema integrado com pequenos produtores e ampliar o número de aviários próprios, confirmando assim a intenção de monopolização do território e de territorialização do capital como forma de apropriação da renda terra.

### **Considerações Finais.**

Com esse estudo ficou claro que o sistema capitalista no Brasil desenvolve-se de forma contraditória, pois esse mesmo sistema consegue auferir lucros sem a expropriação dos pequenos. Isso é possível porque o capital industrial conseguiu moldar relações não capitalistas de produção segundo a perspectiva capitalista.

O sistema adotado pela agroindústria Jaguafrangos exemplifica essa contradição do capitalismo ao estabelecer relações de trabalho sob a forma de “parceria” com pequenos proprietários. Essa sistemática é lucrativa para a empresa por não demandar de mobilização de capital para a compra das terras e construção dos aviários, e principalmente substituir mão-de-obra. Isso porque o integrado (no caso o pequeno produtor) deve entrar com a terra, o dinheiro necessário para a construção dos aviários e principalmente com o trabalho familiar.

Nesse caso de subordinação do pequeno produtor ao capital industrial, cabe ressaltar o papel fundamental do Estado, que num primeiro momento com a falta de políticas agrícolas voltadas para o pequeno produtor ajuda a criar no campo uma massa de pequenos em condições sociais inferiores. E

como estes não tem condições financeiras para a construção dos aviários, num segundo momento o Estado entra em cena com financiamentos a juros baixos (PRONAF). Percebe-se assim, a “criação de um cenário” propício ao atrelamento dos pequenos as agroindústrias.

Numa visão macro essa subordinação do pequeno produtor é negativa ao ponto que ele perde toda a renda da terra, isso porque uma parte é drenada para o Estado (via financiamento) e outra (maior ainda) é transferida ao capital industrial. Se fossemos analisar a situação financeira do pequeno produtor levando em consideração apenas os aviários, ficaria claro que essa atividade não é rentável para o integrado em função do trabalho familiar utilizado e dos custos da produção. Por mais que os integrados não percebam essa relação com a agroindústria, diante do preço baixo pago por cada frango e do montante recebido ao final da safra, deixa transparecer a idéia de assalariamento. Embora queremos deixar claro que não é o termo adequado pelo fato dele ainda ser o dono dos meios de produção, principalmente por ter a propriedade das terras.

Por outro lado, diante dos problemas econômicos enfrentados seja por pequenos agricultores ou por pequenos criadores de gado nas últimas décadas, a avicultura integrada torna-se uma forma de variar as atividades na propriedade, ao passo que somada as demais desenvolvidas no estabelecimento (isso porque nenhum integrado trabalha só no aviário) irá contribuir no orçamento familiar. Por isso, mesmo estando insatisfeitos com o preço do frango e com o controle externo das ações por parte da empresa. A tendência de continuarem nesse sistema é grande, principalmente pela falta de perspectiva no cenário agrícola brasileiro.

#### **Referências:**

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Agricultura e indústria no Brasil. **Boletim Paulista de Geografia**. n.58, SP. AGB, 1981.

SORJ, Bernardo (et al). **Camponeses e Agroindústria**: transformação social e representação política na avicultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

TSUKAMOTO, Ruth Youko. Produtor familiar e a monopolização do território pelo capital industrial. In: **Revista do Departamento de Geografia** da Uel, Londrina, v.9, n.2, p. 129-136, jul./dez. 2000.